

Permeando a Geografia com Antropologia e História: em Memória à Professora Ana Daou

Permeating Geography with Anthropology and History: in Memory of Professor Ana Daou

Tomás Paoliello Pacheco de Oliveiraⁱ
Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Brasil

Componho este breve texto relembrando a querida professora Ana Daou, inspiração para assumir esta difícil tarefa de homenagear os que não mais podem nos ouvir. Incertezas pelas limitações destas palavras, que buscam publicar memórias de nosso convívio, porém muito aquém da pessoa e profissional celebrada. Obstáculos pela proximidade de sua ausência, que pessoalmente bloqueia algumas lembranças e sentimentos.

Encontro Marcado e Longa Relação

Ana foi minha orientadora desde a iniciação científica, em 2003, até o doutorado, defendido em 2017. Foram 14 anos de convivência muito próxima. De crescimento intelectual, mas também de dúvidas e muita escuta. Acompanhou de perto assim não somente toda minha formação acadêmica quanto um longo período da minha vida. De algum modo este nosso encontro já havia sido previsto. Meu pai, João Pacheco de Oliveira, a havia orientado entre 1992 e 1998 em seu doutorado em Antropologia Social, no Museu Nacional da UFRJ¹. Ao entrar na graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2003, eu já tinha, portanto, uma íntima indicação sobre a possibilidade de buscar essa aproximação, embora ainda não a conhecesse pessoalmente. Logo no segundo semestre já cursei a disciplina eletiva “Introdução à Pesquisa”, ministrada conjuntamente por ambos, na qual iniciei a pesquisa mantida até a monografia.

Durante esta graduação (2003-2008) Ana Daou me orientou num tema de certa maneira áspero para ambos: a presença dos indígenas nos censos demográficos nacionais, com foco na região nordeste². Não pela matéria dos povos indígenas, ou pelo recorte temporal ampliado em direção ao passado, mas pela centralidade das análises demográficas. Isso não lhe era de maneira nenhuma estranho, pois em seu curso de graduação em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), entre 1973 e 1979, havia tido disciplinas com geógrafos renomados, muitos com passagens centrais no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tais como Fábio Macedo Soares Guimarães, Aluysio Capdeville Duarte, Orlando Valverde e Roberto Smith Almeida. A questão, sempre rememorada em nossas conversas de orientação, era justamente o

ⁱ Doutor em Geografia. Coordenador do Laboratório de Cartografia Social do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da UEMA. Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. tomasrj@gmail.com.

afastamento voluntário dela daquela Geografia que navegava a onda dos modelos quantitativos. Apesar de um viés crítico comandar a pesquisa, a partir da contextualização política das quantificações populacionais dos povos indígenas brasileiros, foi necessário um investimento nas técnicas da demografia e estatística, que para mim foram uma novidade desafiadora.

Esta orientação alcançou novos níveis de aproximação e diálogo no meu curso de mestrado na Geografia da UFRJ (2008-2010). O objeto da pesquisa eram os processos de territorialização étnica nos sertões de Pernambuco³. Ana Daou me trouxe grandes contribuições, tanto acerca desta discussão teórica, quanto sobre a experiência de pesquisa nesta região. Muitas advindas de sua própria dissertação⁴, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional em 1989, sob orientação de Lygia Sigaud: “Políticas de Estado e Organização Social Camponesa: o caso de Sobradinho – Rio São Francisco”. Neste momento, a inspiração e empenho de Ana Daou pela pesquisa histórica e pela importância basilar do trabalho de campo foram fundamentais. Ao primeiro tema, da pesquisa histórica, retomaremos na próxima seção deste texto.

A questão das pesquisas de campo foi objeto de longas e profundas reflexões de Ana Daou, em seu trânsito entre a Geografia e a Antropologia. Ambas as disciplinas consideraram como central esta atividade no decorrer dos seus trabalhos científicos. Contudo, a professora, ao comentar dois cursos sobre o assunto por ela oferecidas no PPGG,⁵ identificou “incontornáveis as distâncias entre o que se desenhava, como trabalho ‘de campo’ para a Geografia, e o que eu entendia que faziam os antropólogos” (DAOU, 2018), indicando como uma das principais diferenças a ausência de reflexividade no trabalho de campo e na construção da pesquisa em Geografia.

Tal debate era muito oportuno de ser realizado naquele momento na Geografia da UFRJ. Durante as décadas de 2000 e 2010 poucos eram os professores de Geografia Humana que promoviam trabalhos de campo em seus cursos ou mesmo em suas orientações de iniciação científica. Este cenário estava prestes a mudar com as “transformações que a nova Geografia Cultural começava a promover, fosse quanto aos temas, fosse quanto à abordagem” (DAOU, 2018). Nesse sentido Ana Daou resgatou um histórico do trabalho de campo e das excursões na Geografia brasileira, tendo o IBGE como um palco destacado, apontando para as distintas abordagens de pesquisa advindas da diversidade de formação (com influências francesas ou alemãs e estadunidenses), e para a ingerência nas pesquisas de campo das mudanças nas técnicas de transporte (estradas), comunicação (telefone, internet), registro (fotos, vídeos, fotografias aéreas) e processamento de dados (geoprocessamento).

Outro desafio por ela colocado era a produção cartográfica, considerada central no trabalho geográfico. Sob seu incentivo cursei disciplinas eletivas (Geoprocessamento de Sistemas Geográficos de Informação, com Jorge Xavier da Silva e Análise Regional, com Cláudio Egler) nas quais me aproximei da teoria e prática desta ferramenta e subcampo da geografia de crescimento acelerado no período. Novamente aponto a generosidade e abertura de sua orientação, a qual apartava suas específicas práticas de pesquisa daquilo que considerava melhor para a formação dos novos geógrafos.

Durante os sempre longos anos de doutorado (2012-2017), Ana Daou me orientou com uma nova grande mudança temática. A instigação agora era pesquisar aquela pró-

pria Geografia na qual ela havia sido formada, na sua mais forte instituição: o IBGE. Esta proposição acompanhou de muitas maneiras reflexões que tive durante nossas orientações: a investigação sobre a importância da categoria “sertão” na formação nacional e territorial brasileira. A fonte central da pesquisa foi a Revista Brasileira de Geografia (RBG), uma das principais publicações daquela agência de Estado, que no período selecionado (1939-1964) estava ligada diretamente à presidência da República.

Uma grande inspiração para estas definições veio do seu trabalho “Tipos e Aspectos do Brasil: imagem e imagens do Brasil através da iconografia de Percy Lau” (DAOU, 2001) e do projeto de pesquisa por ela coordenado “Tipos sociais, paisagens culturais e representações do Brasil”, que esteve ativo entre 2003 e 2017⁶ e do qual fiz parte. “Tipos e aspectos do Brasil” foi uma série publicada pelo IBGE, entre os anos de 1939 e 1970, e o objetivo do projeto era pesquisar as condições de produção desta série e de outras obras (entre elas o censo demográfico) e sua importância para as estratégias de afirmação da unidade e da cristalização de representações sobre o Brasil e sobre os brasileiros.

Ana Daou insistia bastante em suas orientações na Geografia “no sentido do abandono das pré-noções espaciais, que não fossem senão um ponto de partida, em suspensão, da investigação” (DAOU, 2018). Segundo sua percepção, tal tarefa se tornava menos obstaculizada conforme os temas de trabalho dos geógrafos “se afastavam da problemática do território nacional, ou dos macroprocessos de expansão da sociedade nacional, colocando em foco grupos e comunidades, e privilegiando outra escala de análise” (DAOU, 2018). Em sentido contrário desta dinâmica, porém em total acordo com a problematização das “pré-noções espaciais”, decidimos pesquisar, para minha tese, o processo de territorialização nacional brasileiro, em meados do século XX, a partir justamente dos discursos geográficos.

Em 2009 Ana Daou ministrou “Seminário de Doutorado” no PPGG, tendo como ponto de partida a leitura e a discussão da recém-lançada tradução do livro da geógrafa britânica Doreen Massey (2008), “Pelo Espaço”. Embora não tenha participado, me beneficiei destas reflexões através de sua orientação, pavimentando um caminho para a visão da centralidade da dimensão política do espaço e complexificando as questões sobre as representações do espaço, já bastante presentes em nossos diálogos.

A liberdade oferecida nestas orientações promovia um ambiente em que podia transitar por diferentes autores, de diversos campos e correntes científicas. Nesse sentido, em diálogo constante com ela, qualifiquei o objetivo de minha tese sobre o Sertão no Brasil a partir das reflexões acima descritas, mas também com outras análises importantes e bastante diversas sobre as representações do espaço: Lia Osório Machado (2003), do espaço geográfico como metáfora; Antonio Carlos Robert de Moraes (1996), das ideologias geográficas; e Edward Said (1990), das geografias imaginativas.

Neste contexto, no primeiro semestre de 2013, Ana Daou ofereceu uma disciplina (Estudos Avançados em Geografia Humana) no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da UFRJ, a qual propiciou a possibilidade de excelentes debates sobre conteúdos afins aos seus então orientandos. Na parte que me coube do curso, lemos e discutimos três clássicos do pensamento social brasileiro: “Os Sertões: campanha de Canudos” (CUNHA, 2000), “Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal” (FREYRE, 2003) e “Raízes do Brasil” (HOLANDA, 1975).

Outra ótima oportunidade de experiências, diálogos e aprendizado veio na disciplina “Geografia Humana e Econômica”, por ela muitas vezes ministrada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. No segundo semestre de 2015, a seu convite, fiz nesta matéria meu estágio em docência do doutorado. Tal disciplina era obrigatória no curso de Ciências Sociais permitindo, assim, um diálogo entre estes campos e o da Geografia.

Naquela feita, Ana Daou estruturou sua apresentação sobre a Geografia para as Ciências Sociais em quatro tópicos: atualidade das temáticas relativas ao espaço; Geografia, identidade nacional e representações da nação; região, regionalização e regionalismo; e território, territorialidade. Acompanhar suas aulas e ministrar outras, neste momento do doutorado, foi muito importante para minha formação como docente e pesquisador, assim como para a continuidade da construção da tese (PAOLIELLO, 2017)⁷. Todos os quatro tópicos tiveram textos e debates que contribuíram com esta empreitada.

Promovendo o encontro da Geografia, Antropologia e História às Margens Institucionais

Como exposto acima, a própria trajetória de Ana Daou como pesquisadora e professora demonstra um inarredável⁸ movimento de experimentar, transitar, colocar em diálogo e ultrapassar as fronteiras disciplinares estabelecidas na academia. Sua constante preocupação com um olhar histórico favorecia a relativização da rigidez destes limites, que em determinados contextos são diferencialmente acionados. A Geografia de sua formação inicial na graduação e de toda sua vinculação institucional na prática profissional foi permeada por um profundo mergulho na Antropologia, na qual fez seu mestrado e doutorado.

Portanto, tal encontro dos campos disciplinares foi feito a partir de uma base bastante sólida de conhecimentos específicos e da dinâmica histórica de cada um deles. Neste sentido, um dos momentos que marcou uma grande mudança no diálogo entre a Geografia e a Antropologia foi justamente o vivido por Ana Daou como professora na Geografia da UFRJ⁹. Os dois campos, que tinham uma longa história de relativa proximidade, por volta da segunda metade do século XX passaram por algumas décadas de grande afastamento, nas quais a Geografia Teórica Quantitativa e a Geografia Crítica predominaram, para depois voltarem a se encontrar.

Pelo lado da Antropologia, os trabalhos que tinham como objeto o território eram crescentes e cada vez mais ganhavam importância. Tal processo acompanhava a chamada “virada espacial” das Ciências Sociais, que se fortaleceu nas décadas de 1980 e 1990. Em outra vertente, no final do século XX, a Nova Geografia Cultural aceleradamente conquistava grandes espaços no cenário brasileiro, promovendo fortes transformações nos assuntos e abordagens da ciência geográfica.

Nesse contexto, a experiência de Ana Daou no diálogo entre a Geografia, a Antropologia e a História foram fundamentais para construir as possibilidades de existência na Geografia/UFRJ de variados temas de pesquisa, por muitas vezes considerados como “exóticos” ao nosso campo disciplinar. De tal monta era esse represamento disciplinar que a Nova Geografia Cultural cresceu tão rapidamente que abarcava todos os objetos e abordagens antes marginalizados.

Este processo de fechamento de campo não é de maneira nenhuma exclusivo da Geografia. Os afastamentos, por décadas, foram mútuos. Nas Ciências Sociais e mais especificamente na Antropologia e na História haviam grandes desconfianças teóricas e metodológicas com a ciência geográfica. Estas versavam principalmente sobre o determinismo ambiental e sobre a aproximação exagerada da disciplina ao Estado¹⁰. Assim, hegemonicamente as utilizações de conceitos espaciais pelas Ciências Sociais não buscavam se inspirar nas reflexões geográficas.

Tais dinâmicas das definições das fronteiras dos campos disciplinares eram repetidamente objeto de preocupação por Ana Daou, seja em suas aulas, ou nas atividades de pesquisa e orientação. Uma questão observada era a de que em um momento inicial dessa reaproximação da Geografia com a Antropologia, algumas vezes a utilização de conceitos “culturais” nas pesquisas geográficas não tinha a devida problematização, ou investimento em seu conhecimento e definição.

Ana Daou organizou grande parte de seus cursos nesta situação de contato interdisciplinar, tanto em suas temáticas, quanto em suas filiações institucionais. No IFCS por muitos anos ela apresentava a Geografia aos bacharelandos em Ciências Sociais. Na Geografia sempre ministrou “Geografia e História”: “No currículo de Geografia da UFRJ esta era a única referência à História ou às Ciências Humanas e Sociais de onde partira o curso, constituído juntamente com a Licenciatura em História na antiga Universidade do Brasil.” (DAOU, 2018).

Na Pós-Graduação em Geografia, como já indicado, Ana Daou deu cursos sobre trabalho de campo e sobre pensamento social brasileiro. No PPGAS / Museu Nacional ministrou conjuntamente com João Pacheco de Oliveira a disciplina “Território e Modalidades Sociais de Gestão Territorial – Elementos para uma antropologia das formas de ordenamento conjunto dos territórios e de grupos sociais”. No mesmo programa, em conjunto com Luiz Fernando Dias Duarte, deu cursos sobre a problemática da natureza na cultura ocidental moderna, as relações entre o humano e o vegetal, e a Antropologia do Meio Ambiente.

No Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Ana Daou compartilhou atividades docentes com Lygia Segala, sobre o patrimônio cultural e os campos de disputas materiais e simbólicas na esfera pública. Na UERJ, nos Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) e Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente (PPGMA), com Patrícia Birman e Rosane Prado, deu curso sobre Metodologia Qualitativa.

A relação com a História era também central para Ana Daou. Na acima destacada disciplina “Geografia e História” sua bibliografia continha o historiador Fernand Braudel e como ela mesmo afirmava, “altas doses” do historiador inglês Eric Hobsbawm. Desta maneira, “fui assim me convencendo ou me convertendo ao que defini como significativo para abordar a relação tempo / espaço e geografia, enfatizando a diacronia em contraponto ao excesso de tempo presente.” (DAOU, 2018).

Durante muitos anos a promoção desse encontro da Geografia com a História foi compartilhado no Departamento de Geografia da UFRJ com o saudoso professor Maurício Abreu. Ana Daou ressaltou que com ele dividia a

(...) insistência em que os alunos se voltassem para uma geografia que não abandonasse a dimensão temporal, (...) que pensassem nos processos que pudessem dar pistas para a compreensão de como a organização espacial chegou a ser o que era, valorizando a diacronia e a preeminência do tempo curto ou da média duração. Ou ainda, que pudessem fazer o exercício de percorrer espaços do passado atentos a outros referenciais: sentir os cheiros da cidade, andar pelas ruas antigas, perceber os caminhos ou os espaços vazios. Ou estimulá-los a perseguir pistas dadas por documentação e suportes pouco usuais nos trabalhos de geografia, mas que vinham sendo valorizados em particular pelo próprio Maurício. (DAOU, 2018)

Durante seu Pós-Doutorado em 2015 na École des hautes études en sciences sociales (EHESS), na França, Ana Daou acompanhou um Seminário de Marie-Vic Ozouf-Marignier e Nicolas Verdier (Centre national de la recherche scientifique – CNRS), sobre “História e Geografia: Tempo e Espaço, Cruzamentos e Fertilização”. Acerca deste seminário ela destacou a centralidade da discussão entre Geografia Histórica, Geo-história e História da Geografia, “temática que me despertou grande interesse, pois promoveu o entendimento de abordagens que privilegiam em suas reflexões o encontro de duas disciplinas e dos conceitos a elas associados.” (DAOU, 2018).

Todas essas características e eventos apresentados nesta seção indicam que o forte movimento de Ana Daou em favor da interdisciplinaridade da Geografia, Antropologia e História teve resultados bastante importantes, embora contraditórios. Isso lhe proporcionava relações interdisciplinares que potencializam suas pesquisas e atividades docentes, interessantes diálogos com cientistas de outros campos e atração nas orientações de alunos com assuntos considerados fora do padrão geográfico daquele período. Simultaneamente, por outro lado, também lhe fechava algumas portas. Suas reflexões, pesquisas e orientações eram consideradas como menos geográficas, e tinham mais dificuldades para se destacarem dentro dos recortes disciplinares institucionais hegemônicos.

Liberdade e Generosidade nas Orientações

Sua grande generosidade nas orientações de pesquisa geraram uma vasta diversidade de temas de trabalhos, muitas vezes não diretamente relacionados com suas próprias atividades de pesquisa. Ana acompanhava tais orientações com muita dedicação, criando espaços institucionais que abarcavam e promoviam os estudos necessários para cada objeto de pesquisa de seus orientandos.

Tal situação não somente era uma vontade explícita dela de abarcar toda essa variedade temática, mas também deriva do exposto na seção anterior: a marginalização institucional dos trabalhos de pesquisa que buscam romper com as fronteiras disciplinares de então. Um dos vertedouros da barragem era a abertura e a dedicação oferecidas por Ana Daou.

Nesse sentido, havia uma certa dificuldade de consolidar um “Laboratório”, ou “Grupo de Pesquisa”, dada a variedade dos trabalhos a que se dedicava junto com seus alunos. Este era um motivo constante de lamento por parte dela. Por outro lado, pro-

porcionou a nós, seus orientandos, uma única e extremamente rica oportunidade de pensar e construir questões de pesquisa, com um grau de liberdade muito raro no meio acadêmico.

Ana Daou promovia longos encontros com seus alunos, nos quais os assuntos se sucediam, em conversas francas e nos quais ela não professava um caráter disciplinador e hierárquico tão normal nas universidades. Numa mesma reunião ela indicava variadas alternativas de trabalhos de pesquisa, ou então embarcava em nossas pretensões de pesquisa.

Em uma destas situações, durante minha pesquisa no doutorado, acabei por selecionar e organizar um material sobre sertão na RBC, não somente sobre a região nordeste (recorte que se impôs para a defesa da tese) mas para todas as regiões do Brasil. Em determinado momento, Ana Daou exerceu o papel de orientadora decretando a impossibilidade de seguir com estes desígnios. Ainda hoje lamento não ter voltado aos dados organizados, porém, ao mesmo tempo, reconheço que sem sua intervenção provavelmente eu não conseguiria concluir a tese.

É com este combinado de abertura para livre discussões e uma orientação sem grandes pressões, porém muito qualificada em termos de experiências de pesquisa, metodologia e discussão teórica, que Ana Daou se apresentava. Assim sendo, deixou um enorme e diverso legado na formação de variadas gerações de geógrafos na UFRJ. Dentre os companheiros também orientados de Ana Daou nesse ambiente tive maior proximidade, oportunidades de diálogo e troca de experiências de pesquisa com: Tatiana de Sá Freire Ferreira (2014), Gustavo Soares Iorio (2010 e 2015), André Santos da Rocha (2014), Luis Lyra da Silva Bulcão (2008), Patrício Pereira Alves de Sousa (2018) e Renan da Silva Gomes (2018).

Concluo este texto observando novamente minhas limitações em alcançar uma descrição organizada e ampliada da sua carreira acadêmica ou das suas características pessoais. Apesar da referência a alguns de seus trabalhos e a certas atividades docentes reafirmo que esta seleção foi feita utilizando como critério apenas minha própria proximidade com tais situações. Dessa maneira, espero ter apresentado um pouco desta querida professora a partir das ricas experiências que compartilhamos.

Referências Bibliográficas

BULCÃO, L. L. S. *Territorialidade conflitantes: Terra Indígena Alto Tarauacá e comunidades ribeirinhas*. 2008. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Departamento de Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CUNHA, E. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 39. ed. Rio de Janeiro: F. Alves Ed.; Publifolha, 2000 [1902].

DAOU, A. M. L.; SIGAUD, L.; MARTINS-COSTA, A. L. B. Expropriação do Campesinato de Terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política do estado. In: SIGAUD, L.; MARTINS-COSTA, A. L. B.; DAOU, A. M. L. (Orgs.). *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1987, p. 214-290.

DAOU, A. M. L. Efeitos Sociais da barragem de Sobradinho: a experiência dos camponeses do Brejo de Dentro – Rio São Francisco. *Revista Geográfica*. Instituto Pan-Americano de Geografia e História, n. 120, p. 27-40, 1994.

_____. Os desobrigados da barragem: longe e perto do lago de Sobradinho. In: MAGALHÃES, S. et al. (Orgs.). *Energia na Amazônia*. Belém: NPEG/UFPA/UNAMAZ, 1996, v. 2.

_____. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Tipos e Aspectos do Brasil: imagem e imagens do Brasil através da iconografia de Percy Lau. In: CORRÊA, R.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001. p. 135-162.

_____. *A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Books: FAPERJ, 2014.

_____. *Memorial de Ana Maria Lima Daou. Promoção para Professor Titular Classe E*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Geociências. Rio de Janeiro, 2018.

FERREIRA, T. S. F. *Da paisagem ao território*: a arte das garrafas de areia colorida e experiências de mapeamento social em Marjolândia/CE. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global, 2003[1933].

GOMES, R. S. *Atafonias*: sentidos da paisagem em uma comunidade de pescadores do norte fluminense. 2018. 205f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Coleção Documentos Brasileiros n. 1. 8. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 [1936].

IORIO, G. *A Revista Interior (1974-1989)*: “síntese da vida nacional” e Representação do Interior no Brasil. 2010. 193f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Segurança nacional, desenvolvimento e geopolítica*: a institucionalização do Ministério do Interior no Brasil (1964-1969). 2015. 199f. Tese (Doutorado, em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MACHADO, L. O. Origens do pensamento geográfico no Brasil. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2003 [1995].

MASSEY, D. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008 [2005].

MORAES, A. C. R. *Ideologias geográficas*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996 [1988].

PAOLIELLO, T. *O crescimento da presença indígena nos censos nacionais: a região Nordeste*. 2007. 79f. Monografia de conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. O crescimento da presença indígena nos censos nacionais 1991-2000: uma análise da região Nordeste. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVI, 2008, *Anais*, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ABEP, 2008.

_____. *Revitalização Étnica e Dinâmica Territorial em Mirandiba: alternativas contemporâneas à crise da economia sertaneja*. 2010. 231f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. Dinâmicas recentes da população indígena no Nordeste brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVIII, 2012, *Anais*, Águas de Lindóia, SP. Rio de Janeiro: ABEP, 2012.

_____. *Revitalização étnica e dinâmica territorial: alternativas contemporâneas à crise da economia sertaneja*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

_____. *Desbravar, Mapear e integrar os sertões: discursos geográficos sobre o nordeste brasileiro (1939-1964)*. 2017. 559f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

_____. *Desbravar, mapear e integrar os sertões: a Geografia como saber de Estado*. 1. ed. São Luís: EDUEMA, 2021.

ROCHA, A. S. *As representações ideais de um território – Dinâmica econômica e política, agentes e a produção de novos sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. 2014. 242f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1978].

SOUSA, P. P. A. *Monumentos e Rasuras: paisagens patrimoniais, políticas espaço-identitárias e negritude em Ouro Preto, MG*. 2018. 363f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Notas

¹ Pesquisa que ensejou a publicação de dois livros: *A belle époque amazônica* (Daou, 2000) e *A cidade, o teatro e o "paiz das seringueiras": práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX* (Daou, 2014).

² Tais pesquisas geraram a monografia "O crescimento da presença indígena nos censos nacionais: a região Nordeste" (Paoliello, 2007) e dois artigos nos anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP: "O crescimento da presença indígena nos censos nacionais 1991-2000: uma análise da região Nordeste" (PAOLIELLO, 2008) e "Dinâmicas recentes da população indígena no Nordeste brasileiro" (PAOLIELLO, 2012).

³ A dissertação (Paoliello, 2010) foi adaptada e publicada como livro em Paoliello (2012): *Revitalização étnica e dinâmica territorial: alternativas contemporâneas à crise da economia sertaneja*.

⁴ Além da dissertação, tal pesquisa esteve relacionada à publicação de seu primeiro artigo "Efeitos Sociais da barragem de Sobradinho: a experiência dos camponeses do Brejo de Dentro – Rio São Francisco" (Daou, 1994) e de dois capítulos de livros: "Os desobrigados da barragem: longe e perto do lago de Sobradinho" (Daou, 1996) e "Expropriação do Campesinato de Terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política do estado" (Daou, Sigaud e Martins-Costa, 1987).

⁵ Seminário de Doutorado, em 2002, quando completava dois anos de vinculação com o PPGG, e Pesquisa Qualitativa em Geografia e Ciências Sociais, em 2015.

⁶ Tal reflexão teve sua origem estimulada, conforme narrou a própria, num convite de Roberto Lobato Corrêa para sua participação no I Simpósio de Geografia Cultural no Brasil, ocorrido na UERJ, em 1999 (Daou, 2018).

⁷ Esta deu origem ao livro *Desbravar, mapear e integrar os sertões: a Geografia como saber de Estado* (Paoliello, 2021).

⁸ "(...) diálogo interdisciplinar tão inarredavelmente presente nas buscas que orientaram minha trajetória acadêmica" (Daou, 2018).

⁹ Ana Daou assumiu no segundo semestre de 1994, após aprovação em concurso, como Professora Assistente de Geografia Humana e Econômica, do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências (IGEO) do Centro de Ciências da Matemática e da Natureza (CCMN) da UFRJ.

¹⁰ Esta apropriação da Geografia como um saber de Estado foi objeto de duas orientações subsequentes conduzidas por Ana Daou: Gustavo Soares Iorio (2010 e 2015) em sua dissertação "A Revista Interior (1974-1989): 'Síntese da vida nacional' e Representação do Interior no Brasil" e tese "Segurança nacional, desenvolvimento e geopolítica: a institucionalização do Ministério do Interior no Brasil (1964-1969)" (2015); e a minha já mencionada tese "Desbravar, mapear e integrar os sertões: discursos geográficos sobre o Nordeste brasileiro (1939-1964)", depois publicada no livro que explicitou no título o assunto agora em destaque: *Desbravar, mapear e integrar os sertões: a Geografia como saber de Estado* (Paoliello, 2021).